26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento

INTERPRETANTE LÓGICO E EQUIVALÊNCIA SEMÂNTICA NAS AÇÕES DE NOMEAR E ORGANIZAR A REALIDADE

LOGICAL INTERPRETER AND SEMANTIC EQUIVALENCE IN THE ACTIONS OF NAMING AND ORGANIZING REALITY

Eduarda Adiemla Ferreira – Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Miguel Luiz Contani – Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A nomeação da realidade acontece de modo particularizado e como inevitável reflexo do ambiente do indivíduo ou do grupo. Os conceitos adquirem existência independentemente da atribuição verbalizada; não são rigidamente atrelados a uma existência preliminar. Este trabalho tem por objetivo avaliar as demandas de compreensão decorrentes da falta de equivalência semântica entre léxico e o modo como a influência do contexto cultural é evidenciada na significação das palavras. A pesquisa caracteriza-se como básica, qualitativa e exploratória. A noção semiótica de interpretante lógico é utilizada como aporte metodológico para análise das ações de nomear e organizar conceitos; as discussões envolvem, por meio da noção de signo, elementos como: conceito, palavra, termo e relativismo linguístico. Os resultados evidenciam que o interpretante lógico engloba aspectos emocionais e energéticos ao expressar a ausência de equivalência semântica diretamente relacionada às especificidades culturais e experienciais das comunidades linguísticas. Há, portanto, necessidade de reconhecer a natureza dinâmica e contextual da linguagem, favorecendo práticas mais sensíveis às diferenças semânticas e culturais presentes na comunicação e na representação do conhecimento.
Palavras-chave: interpretante lógico; relativismo linguístico; Representação do Conhecimento; léxico; termo.

Abstract: The naming of reality occurs in a particular way and as an inevitable reflection of the individual's or group's environment. Concepts come into existence independently of the assignment of verbal expressions; they are not rigidly tied to a prior existence. This study aims to assess the comprehension demands arising from the lack of semantic equivalence between the lexicon and the way in which the influence of cultural context is evident in the meaning of words. The research is characterized as basic, qualitative, and exploratory. The semiotic notion of logical interpretant is used as a methodological framework for analyzing the acts of naming

and organizing concepts; the discussion involves, through the notion of sign, elements such as concept, word, term, and linguistic relativism. The results show that the logical interpretant encompasses emotional and energetic aspects when expressing the absence of semantic equivalence directly related to the cultural and experiential specificities of linguistic communities. There is, therefore, a need to recognize the dynamic and contextual nature of language, fostering practices that are more sensitive to the semantic and cultural differences present in communication and in the representation of knowledge.
Keywords: logical interpretant; linguistic relativism; Knowledge Representation; lexicon; term.

1 INTRODUÇÃO

A ação de rotular e organizar a realidade, alinha-se à compreensão de conceito conforme a Organização e Representação do Conhecimento. Cabe ressaltar que, o termo rotular pode ter uma conotação negativa conforme o contexto em que esteja empregado. Neste estudo, porém, define-se como a ação de nomear, formalizar uma designação lexical. Conceito define-se como imagens mentais, unidades de pensamento caracterizada conforme determinadas propriedades, podendo adquirir forma verbalizada por meio de léxicos, especializados ou não. A Organização e Representação do Conhecimento envolve a construção de modelos de mundo por meio de representações abstratas da realidade e a respectiva organização e compreensão. Para essa constituição, são estabelecidas relações semânticas entre cada conceito, tendo em vista suas características e propriedades (Brascher; Café, 2008; Café; Brascher, 2011). O conceito, como pensamento materializado por meio de unidades lexicais, encontra subsídios na Teoria do Conceito, para compreensão da forma como é construído, e na Terminologia, que viabiliza a percepção dos elementos de Organização e Representação do Conhecimento.

Organizar e nomear o mundo ao redor não é uma atitude neutra, e as expressões linguísticas utilizadas também não serão; a nomeação da realidade, portanto, acontece, de modo particularizado, como reflexo do ambiente do indivíduo ou do grupo. Na abordagem de questões organizacionais e estruturais da conceituação de um domínio, observa-se a presença de três elementos: o conceito – unidade de conhecimento –, a definição – expressões ou enunciados aceitos como verdadeiros que delimitam as características do conceito –, e o léxico – manifestação verbal que expressa e comunica um conceito. O ato de nomear pode ocorrer por meio de duas formas, a primeira delas, a linguagem natural, que é originada da língua utilizada por uma comunidade em seu cotidiano; é informal, adaptada e utilizada na comunicação geral; é construída de maneira orgânica. A segunda forma, a linguagem

documentária, é originada da linguagem natural, é artificial, controlada e influenciada pelo contexto tecnocientífico em que é aplicada; preocupa-se com o impedimento de ambiguidades, construindo o domínio por meio de léxicos especializados e únicos (Galvão, 2004).

Fundamentando-se em "Uma interpretação semiótica da relação objeto, termo, conceito afirmaria que o termo (o signo) remete ao conceito de uma forma dinâmica, via interpretante" (Lara, 2004, p. 235). Assim como, semioticamente, o signo e o objeto não possuem um elo permanente e imutável, os conceitos podem existir independentemente das formas verbais atribuídas; não são rigidamente atrelados à sua existência. Esse fato encontra-se presente no caso de ausência de traduções exatas entre diferentes idiomas, quando há uma não equivalência semântica. Os seguintes exemplos de palavras podem ser mencionados: *kuchisabichii* (japonês), *Komerabi* (japonês), *Waldeinsamkeit* (alemão), saudade (português), *berry* (inglês); ou ainda expressões que possuem correspondência, porém, um reduzido nível de equivalência semântica como ocorre em: *cup of tea* (inglês), *piece of cake* (inglês), quebrar um galho (português) e dar um jeitinho (português).

A questão central é expressa na pergunta: em que medida o diminuto nível de equivalência semântica entre léxicos de variadas culturas pode revelar limites na concepção referencial do significado, tendo em vista o papel do contexto sociocultural e dos processos interpretativos na constituição do sentido? A contribuição pretendida é instrumentalizar as ações e os cuidados a tomar no momento de atribuir significação a unidades lexicais; ênfase especial é dada à análise e avaliação do léxico como fonte. Este trabalho tem como objetivo avaliar as demandas de compreensão decorrentes da falta de equivalência semântica entre léxicos e o modo como a influência do contexto cultural é evidenciada na significação das palavras.

2 CONCEITO, PALAVRA, TERMO

Para compreender o comportamento cultural e interpretativo dos léxicos, é necessário, primeiramente, avaliar como são construídos os conceitos e as representações (palavras ou termos). Conceito é definido por Barité *et al.* (2015, p. 52, tradução nossa) como: "Abstração ou noção que se refere a uma unidade de conhecimento, independentemente de sua expressão linguística, e inclui todas as suas características essenciais". Percebe-se, deste modo, que o conceito não vem a ser um componente concreto da realidade, mas sim uma

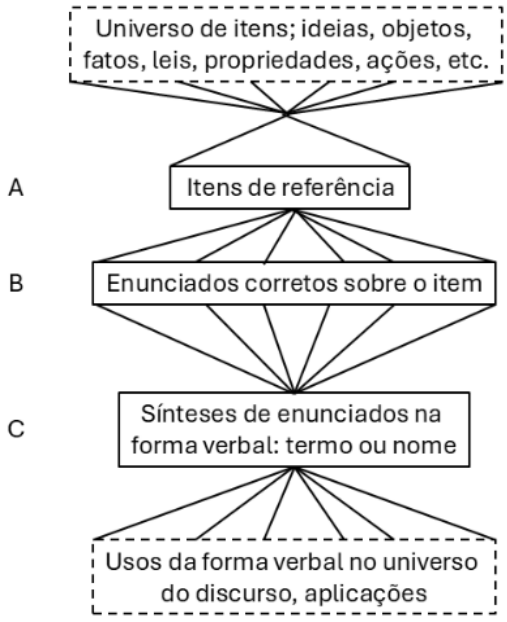
abstração da mente que se encontra dissociada de sua forma verbal, demonstrando a fluidez interpretativa do conceito. Biderman (1998, p. 92) entende os conceitos como "[...] modos de ordenar os dados sensoriais da experiência". Há portanto uma individualização da forma pela qual se ordena o mundo, visto que as experiências, ainda que compartilhadas, são únicas a cada indivíduo.

Segundo Olson (2002, p. 4) "Cada um de nós nomeia a realidade de acordo com a nossa própria visão do mundo, construída sobre significados passados em nossa própria experiência." Entende-se a construção de conceitos como a ação de "nomear", sendo um ato de rotulação da realidade de modo que estabelece um padrão significativo para aqueles que nomeiam (Olson, 2002). Francelin e Pinho (2011, p. 26) expressam que:

> A maneira como as coisas são vistas e representadas difere de cultura para cultura, como também de indivíduo para indivíduo. Dessa forma, a construção do conceito depende basicamente de um referente da emissão de juízos sobre o referente, de uma forma verbal (um termo ou um nome) e de uma maneira de usar essa forma verbal em um universo de discurso.

Considera-se, portanto, que um conceito, é uma noção abstrata que apresenta afirmações verdadeiras, que, quando aceitas, são expressas por uma forma verbal, possibilitando a comunicação. Dahlberg (1978) explica que a construção de um conceito é realizada por meio de quatro etapas.

Figura 1 - Modelo para construção de conceitos

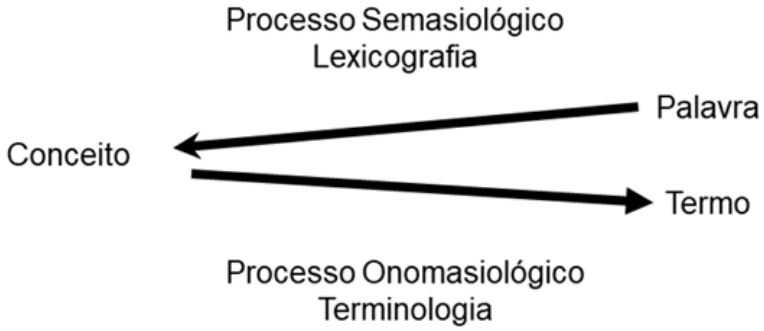


Fonte: Dahlberg (1978, p. 143)

Inicia-se pela seleção de um referente, ou seja, um objeto ou conjunto de objetos qualquer de um universo, e, a partir deste item, formulam-se enunciados, entendidos como verdadeiros, sobre o referente, que podem ser verificados. Esses enunciados, uma vez aceitos como verdade, adquirem uma forma verbal, um termo ou palavra, assim, podem ser utilizados no ato de etiquetar, rotular.

A representação verbal de um conceito, portanto, acontece por meio dos termos ou das palavras (nome ou rótulo). É necessário compreender o que difere um termo de uma palavra: em questões de aplicação, tem-se que a palavra provém de um léxico geral, pertence à linguagem natural, e o termo, por sua vez, encontra-se ligado a um domínio; assim é um léxico especializado, pertencente à linguagem documentária. Cabré (1998), adota outra forma de distinção entre termo e palavra: segundo a autora, o léxico geral distingue-se do léxico especializado em sua construção.

Figura 2 - Representação conceitual de Cabré (1998)



Fonte: Cabré (1998, p. 49, tradução nossa)

O processo semasiológico, utilizado pela lexicografia, parte da palavra e lhe atribui um conceito; logo, o uso popular indica a significação e representação conceitual, e a terminologia, por outro lado, realiza o processo oposto, partindo do conceito e lhe atribuindo uma representação verbal baseada em suas características. Segundo Cabré (1998, p. 49) “A lexicologia lida com palavras para explicar a competência lexical dos falantes. A terminologia, por outro lado, lida com termos para estabelecer uma referência a conceitos do mundo real.” Contudo, essa diferenciação, entre termo e palavra, só ocorre posteriormente ao ato de comunicação, momento em que o léxico toma forma de um ou de outro.

Revela-se, deste modo, a fluidez do léxico, compreendendo-se que o conceito, o termo ou a palavra tornam-se ligados, de modo particularizado, apenas em determinados contextos.

"Devido à natureza do processo subjacente, os referentes das palavras podem mudar muito, os significados podem expandir-se e as categorias estão sempre abertas a mudanças." (Biderman, 1998, p. 90). Na medida em que transitam entre diferentes domínios de conhecimento e contextos culturais, os termos e as palavras passam por ressignificações, assumindo novos conceitos e valores semânticos. Evidencia-se que o significado não se constitui de forma absoluta, mas é condicionado por fatores linguísticos, cognitivos e socioculturais.

A compreensão das questões acerca da natureza fluída das linguagens torna-se particularmente fundamental para a Organização e Representação do Conhecimento no que concerne aos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) e as Tecnologias da Informação e Comunicação. Os SOC são compreendidos como "[...] sistemas conceituais semanticamente estruturados que contemplam termos, definições, relacionamentos e propriedades dos conceitos." (Carlan, 2010, p. 16). Tais sistemas apresentam diversos níveis de complexidade; os menos complexos listam os termos de um domínio: quanto maior o nível de complexidade, mais o sistema demonstra as conexões semânticas entre os termos e os conceitos (Schiessl; Shintaku, 2012). Os SOC são utilizados para a organização informacional na internet, em especial as ontologias e *folksonomias.* Deve-se, portanto, considerar a organização de um mesmo objeto digital, em diversos idiomas, de modo que o alcance seja o mais amplo possível. Nessa perspectiva, torna-se pertinente examinar o modo como diferentes línguas e comunidades conceituam e expressam a realidade, conduzindo às discussões sobre equivalência semântica e relativismo linguístico.

3 RELATIVISMO LINGUÍSTICO

Ao se tratar das questões de fluidez do léxico, bem como sua relação com o contexto em que se insere, aborda-se o "relativismo linguístico". A premissa dessa teoria é de que:

> A linguagem é um guia para a 'realidade social'. [...] O fato é que o 'mundo real' é, em grande parte, construído inconscientemente sobre a base dos hábitos linguísticos do grupo. Não existem duas línguas, por mais semelhantes que sejam, que possam ser consideradas representantes da mesma realidade social (Sapir, 1963, p. 162).

Sapir (1963) explana que a linguagem expressa um elo direto entre a cultura, o contexto e as vivências do indivíduo. A forma de o sujeito interpretar e significar a linguagem é dependente desses fatores externos e internos. Biderman (1998) menciona a palavra "neve"

como exemplo do funcionamento dessa teoria, e aponta duas realidades culturais ligadas ao léxico: um esquimó (que apresenta diversos termos para representar a neve, uma realidade cotidiana e fundamental) e um brasileiro (morador de um país tropical, onde a neve é um campo imaginário).

> Isso não quer dizer que o esquimó *vê* a neve de modo diferente, mas que a sua cultura, isto é, a experiência coletiva acumulada em sua comunidade percebe melhor os detalhes dessa realidade do que o habitante de um país tropical [...] onde esse fenômeno físico não exerce o mesmo impacto no mundo do esquimó. Assim, se constata que o esquimó, de uma certa forma, de fato percebe o mundo objetivo de modo distinto. E é por isso que o esquimó tem palavras distintas para designar as diferentes formas pelas quais a *neve* se apresenta à sua percepção sensorial, vocábulos esses que não têm correspondência em português. Cada uma das seguintes perífrases portuguesas "neve que cai", "neve no chão", "neve compactada dura como gelo", "neve semiderretida lamacenta", "neve voando levada pelo vento" equivale a uma só palavra em esquimó (Biderman, 1998, p. 95).

Essa falta de equivalência semântica é observada entre diversas línguas: a palavra *berries*, do inglês, significa um grupo de frutos semelhantes, ao passo que, no português, são entendidas como frutas vermelhas ou frutas silvestres. Outro caso é o termo inglês *nut* "O Webster define *nut* como: <semente ou fruto seco que possui uma casca e miolo ou polpa interior; também o próprio miolo ou casca>. Ora, o português não possui nenhum termo para designar este conceito." (Biderman, 1998, p. 97).

No português brasileiro, observa-se essa ligação entre linguagem e contexto cultural em expressões idiomáticas intraduzíveis para outros contextos, tais como: "dar um jeitinho" e "quebrar um galho". Esses enunciados ganham um caráter conotativo e expressam, de um modo divertido, de bom humor, para uma ação de atendimento a pedidos e solicitações; promove um sentido que, em outro contexto cultural, torna-se denotativo e considerado descabido, tolo, ou descontextualizado, improvável ou inviável, quando, na realidade é uma maneira de expressar uma aptidão em "[...] contornar tudo aquilo que não é contornável" (Biderman, 1998, p. 99).

O relativismo linguístico pode, ainda, ocorrer no interior de uma mesma língua e com o mesmo indivíduo, mas em contextos distintos, conforme exemplificado por Biderman (1998) ao explanar o caso de determinado indivíduo que nomeia uma cor como "alaranjado pardo",

considerando a adequação à sua percepção; contudo, a mesma cor em outro contexto é nomeada, pelo mesmo indivíduo, como “ocre”.

Considerando o contexto tecnocientífico, em que os domínios são construídos e delimitados por meio do léxico utilizado pela comunidade, o relativismo linguístico afeta as questões de equivalência entre as unidades lexicais utilizadas por um domínio e pode variar entre as comunidades. A Terminologia busca identificar correspondências entre denominações e conceitos, enquanto as linguagens documentárias utilizam a equivalência para controlar a variação da linguagem natural e organizar a recuperação da informação. A equivalência funciona, portanto, como uma espécie de ponte entre a diversidade da linguagem natural e a necessidade de padronização da representação documental. Ambas evidenciam que os conceitos não podem ser tratados simplesmente como unidades universais para às quais todas as línguas atribuem etiquetas equivalentes; deve-se ir além e considerar que comunidades distintas que empregam a mesma língua também podem atribuir os mesmos rótulos para conceitos distintos.

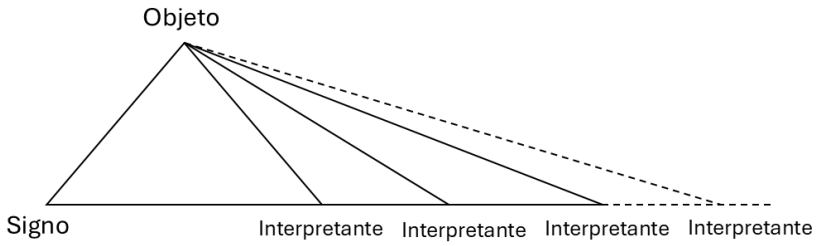
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo aqui apresentado origina-se de uma pesquisa de natureza básica, com abordagem qualitativa e caráter exploratório. A seleção dos lexemas empregados neste artigo fundamenta-se na articulação entre o conhecimento prévio, a experiência, o contexto de uso e as convenções linguísticas compartilhadas. As escolhas realizadas refletem o repertório linguístico e conceitual mobilizado para representar os conceitos analisados. Considerando as unidades lexicais que expressam os aspectos relevantes de cada fenômeno no contexto da pesquisa, compreende-se a escolha lexical como um processo interpretativo de recorte e organização da realidade por meio da linguagem. Adotou-se a noção semiótica de Interpretante Lógico como aporte analítico, por possibilitar a explicação dos processos de construção de sentido veiculado pelos signos empregados nos léxicos. O interpretante, no sentido semiótico, é entendido como

> [...] outro signo que mantém com o objeto uma relação de representação similar àquela que o signo mantém, de modo que o signo funciona como um mediador entre o objeto e o interpretante, este, por sua vez determinando outro interpretante, e assim sucessivamente. [...] um signo mental, algo que é produzido sob efeito de uma excitação que o signo provoca na mente do intérprete[...] (Santaella, 2004, p. 77).

A imagem 3 ilustra as relações entre signo, objeto e os interpretantes.

Imagem 3 – Noção semiótica da relação signo, objeto e interpretante



Fonte: elaboração própria (2026)

Entende-se, que o interpretante lógico não se limita a uma reação momentânea ou a uma experiência isolada. Esse componente da tríade semiótica,

> [...] faz parte do interpretante lógico, concebido como hábito, regular e governar ocorrências particulares, pois ele carrega alguma implicação concernente ao comportamento geral de algum ser consciente, transmitindo mais do que um sentimento e mais do que um fato existencial, quer dizer, transmitindo o "seria" e o "faria" do comportamento habitual (Santaella, 2004, p. 80).

O hábito funciona como uma espécie de regra geral que influencia a interpretação futura dos signos. Assim, ao vivenciar repetidamente determinados signos, o indivíduo está apto a empregar, nos signos que utiliza, tendências de ação e pensamento que vem desenvolvendo ao longo do tempo. O interpretante lógico, por esse motivo, engloba os demais ao incorporar um sentimento (interpretante emocional) e um fato existencial (interpretante energético ou factual). Em outras palavras, o interpretante lógico representa a dimensão normativa e generalizadora do significado, transformando interpretações particulares em padrões relativamente estáveis de compreensão e ação.

Entende-se que a realidade de um grupo inclui o contexto cultural, social, econômico, político, assim como a relação que a comunidade possui com a natureza que a cerca, influenciam a significação atribuída aos conceitos; esse fator, por consequência, gera atribuições verbais representativas únicas desses conceitos por via dos léxicos, gerais ou específicos. A partir das compreensões de interpretante lógico, conceito, palavra, termo e relativismo linguístico, realizam-se as análises de léxicos e expressões pontuais a fim de

evidenciar a não equivalência semântica, bem como a influência do contexto cultural na significação das expressões encontradas em uma língua.

5 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Em léxicos e expressões estrangeiras que não apresentam equivalência semântica exata no português, tem-se, por exemplo, a expressão *mind boggling,* que, segundo o dicionário Cambridge (Mind Boggling, 2026a, local. 1), significa algo "extremamente surpreendente e difícil de entender ou imaginar". O dicionário Merrian-Webster (Mind Boggling, 2026b) a define como algo que causa um efeito poderoso na mente do indivíduo. Quando se busca pela tradução, no caso, um vocábulo de equivalência na língua portuguesa, depara-se com diversas versões do que esse léxico representa: alucinante, estonteante, extraordinário, impressionante.

Observa-se, todavia, que esses são léxicos adaptados para melhor compreender o significado de uma expressão linguística inglesa que não possui uma equivalência perfeita, visto que todas essas palavras possuem traduções exatas. É algo que se torna, como no caso das expressões brasileiras já mencionadas, descabido, tolo ou descontextualizado. Ao substituir o conceito expresso por *mind boggling*, que é "de deixar qualquer um boquiaberto", por outros léxicos, manifesta-se uma sensação de falta, de não exprimir de forma correta o que se espera comunicar; os sentidos do indivíduo foram sobrecarregados de tal maneira que se necessita de um léxico apto a expressar a superlatividade sensorial e sentimental idealizada como conceito na mente do sujeito. O interpretante lógico executa essa operação.

Outro interpretante lógico é induzido pelo léxico geral do inglês, que remete ao sentimento de confusão profunda, expresso por *puzzling,* que se traduz como intrigante, complicado, confuso e difícil. Cabe pensar que nesse vocábulo, de modo literal, a palavra tem origem no léxico para *puzzle* (quebra-cabeça); ao adicionar a terminação *ing* ao substantivo, o vocábulo torna-se um adjetivo, e passa a exprimir o sentimento de grande confusão, um estado mental de questionamento, em que o indivíduo percebe e expressa uma incompatibilidade entre esperado e o efetivamente encontrado.

Há uma ampla variedade de casos de lexemas que não possuem equivalência semântica exata, e uma dessas ocorrências, no caso da língua portuguesa, é notória e marcante: a palavra "saudade", que, tem como definição, "Sentimento nostálgico e melancólico associado à recordação de pessoa ou coisa ausente, distante ou extinta, ou à ausência de coisas, prazeres e emoções experimentadas e já passadas, consideradas bens positivos e desejáveis" (Saudade,

2026, local. 1). Essa unidade lexical é um interpretante lógico do signo que representa a materialização verbal de uma experiência afetiva complexa ao combinar elementos de ausência, memória, afeto, e, muitas vezes, desejo de reencontro; pode envolver tristeza pela ausência, mas também carinho pela lembrança, e até satisfação por ter vivido a experiência recordada. O respectivo interpretante lógico, em outras línguas é uma descoberta complexa, pois o sentimento conceituado remete a uma necessidade compartilhada culturalmente. O interpretante lógico que opera nessa situação é o da convicção de manter um vínculo afetivo com algo ausente, atribuindo valor e significado à memória dessa experiência. O lexema expressa uma relação afetiva entre a presença da memória e a ausência daquilo que é lembrado.

Outro emprego de uso geral - trazendo novamente o conceito semiótico de interpretante como método de análise –, é a expressão “cafuné”. Segundo o dicionário Michaelis, trata-se do “1 Ato de coçar levemente a cabeça de alguém, produzindo estalidos com as unhas, como quem cata piolho. 2 Afago ou carícia com a ponta dos dedos no couro cabeludo.” (Cafuné, 2026, local. 1). Culturalmente por meio desse interpretante lógico, encontra-se uma comunidade que declara afeto por meio de ações físicas. A possibilidade de acariciar a cabeça do outro demonstra, tanto um alto nível afetivo, como a intimidade entre os indivíduos. Compreende-se, portanto, o motivo da existência da não equivalência semântica exata, visto que culturalmente, o lexema veicula um hábito interpretativo construído historicamente na cultura brasileira, associando esse gesto a valores de afeto, conforto emocional e intimidade.

A noção de interpretante lógico é adequada para demonstrar que, para além das questões de tradução entre diferentes idiomas, a diversidade cultural também incorpora regionalismos. Nesses casos, determinadas unidades lexicais podem apresentar significados ou usos específicos de uma comunidade linguística, no mesmo país, exigindo, em certa medida, uma "tradução" do português para o próprio português. Como exemplo, destaca-se o lexema *pousar*, empregado em algumas regiões do Brasil com o significado de “dormir fora de casa” (RPC, 2023, local. 1). Seu uso, no entanto, refere-se mais especificamente ao ato de pernoitar na residência de alguém com quem o indivíduo ou sua família mantém algum vínculo de conhecimento, proximidade e confiança; há também os derivados de pouso e pousada. O interpretante lógico, no entanto, quando associado a *pousar*, evoca situações em que a pessoa não permanece em hotéis, pousadas ou outros estabelecimentos de hospedagem, contextos nos quais se utiliza, de modo mais apropriado, o verbo “hospedar”. Observa-se, portanto, que o significado de *pousar* extrapola a simples ação de dormir fora de casa, incorporando

elementos socioculturais relacionados à informalidade, à generosa hospitalidade e às relações interpessoais mais profundas. Os interpretantes lógicos associados corporificam um vínculo social mínimo entre hóspede e anfitrião, aspecto que evidencia a influência do contexto cultural na constituição dos significados lexicais.

No que diz respeito aos termos, compreendidos como léxicos especializados, as questões relacionadas à equivalência semântica tornam-se ainda mais complexas. No contexto da Organização e Representação do Conhecimento e dos processos de acesso, recuperação e compartilhamento da informação, reconhece-se a necessidade de padronização terminológica, de modo a favorecer a comunicação científica e a garantir a compreensão dos conceitos por diferentes comunidades de usuários. Os termos assumem também uma função de representação, por possibilitar identificar, delimitar e relacionar conceitos no interior de determinado domínio do conhecimento. Essa perspectiva relaciona-se diretamente aos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), como tesauros, taxonomias, ontologias e sistemas de classificação; assim, a escolha de determinado termo não corresponde apenas a uma decisão linguística, mas também a uma forma de organização e representação do conhecimento, uma vez que influencia a maneira de um conceito ser identificado, relacionado e posteriormente recuperado pelo usuário.

O desenvolvimento científico e tecnológico ocorre de forma contínua e acelerada, o que impulsiona o surgimento de novos conceitos e, consequentemente, de novos termos. Esse caráter dinâmico da língua e, portanto, do conhecimento exige que os SOC acompanhem as transformações terminológicas dos diferentes domínios, incorporem novos termos, atualizem relações conceituais e estabeleçam, quando necessário, correspondências entre diferentes denominações.

É comum a incorporação de vocábulos oriundos de outras línguas, especialmente do inglês, seja em sua forma original ou por meio de traduções; produz signos que buscam adaptar o sentido atribuído na origem ao sentido recebido no destino. Em muitos casos, contudo, não existe uma equivalência semântica exata entre os idiomas, o que resulta na adoção de termos especializados que circulam predominantemente em contextos científicos e técnicos. Exemplos disso são: folksonomia (*folksonomy*) surgida pela fusão das palavras *folks* (pessoas) e *taxonomy* (taxonomia), o termo representa a prática de organização colaborativa da informação, na qual os próprios usuários atribuem etiquetas aos conteúdos; encontrabilidade (*findability*), a possibilidade de determinado conteúdo ou objeto informacional ser localizado ou encontrado

em um sistema. A escolha dessa denominação revela, portanto, uma tentativa de aproximar o conceito de origem das estruturas linguísticas e conceituais da língua de destino.

A constituição de um termo especializado pode ser compreendida como um processo interpretativo no qual conhecimento, contexto, práticas científicas e convenções terminológicas participam da estabilização de determinado sentido. Para os SOC, essa estabilização é particularmente relevante, pois a representação de um conceito depende da definição dos termos que serão utilizados para identificá-lo e das relações que serão estabelecidas com outros conceitos. A análise dos termos *folksonomia* e *encontrabilidade* permite observar que a construção terminológica não se limita à correspondência entre palavras de diferentes línguas. Trata-se de um processo de interpretação e representação em que determinados aspectos do conceito são preservados, adaptados ou enfatizados de acordo com as necessidades linguísticas e conceituais da comunidade de destino.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a terminologia científica frequentemente se constitui a partir dos interpretantes lógicos gerados por processos de adaptação, negociação e construção de sentidos, evidenciando a influência dos contextos linguísticos e culturais na representação e comunicação do conhecimento. A falta de equivalência semântica exata entre léxicos advindos culturas diferenciadas, evidencia os limites de uma concepção estritamente referencial do significado. Os resultados demonstram que a significação não decorre exclusivamente da relação entre uma unidade lexical e dos interpretantes lógicos do signo por ela gerado, mas constitui um conjunto de processos influenciados por fatores históricos, sociais, culturais e cognitivos que devem ser permanentemente acompanhados.

Linguagem, cultura e experiência constituem dimensões indissociáveis na produção dos sentidos. Tal compreensão, revela-se especialmente valiosa para os processos de Organização e Representação do Conhecimento, uma vez que as escolhas terminológicas e conceituais são igualmente influenciadas por fatores culturais e históricos. A atribuição de significados e a própria representação dos conceitos variam conforme as experiências, práticas sociais e conhecimentos compartilhados pelos indivíduos em seus contextos. Essas ocorrências demonstram que diferentes grupos sociais recortam, organizam e representam a realidade de maneiras distintas, atribuindo relevância a elementos específicos de suas vivências e necessidades.

As expressões idiomáticas, em especial, revelam valores culturais, modos de pensar e formas de interação social construídos ao longo do tempo; refletem não apenas experiências individuais, mas também heranças históricas e coletivas, com saberes transmitidos de uma geração a outra. As análises evidenciaram que o reduzido nível de equivalência semântica está diretamente relacionado às particularidades culturais e experienciais das comunidades que as produzem e utilizam. A ausência de equivalência semântica plena evidencia, portanto, o caráter dinâmico e situado da representação do conhecimento e reforça a importância dos SOC como instrumentos de organização das relações conceituais e de mediação entre conhecimento, linguagem e usuário.

Torna-se evidente que os processos de Organização e Representação do Conhecimento devem considerar a natureza dinâmica, contextual e cultural da linguagem. A análise por meio do conceito de interpretante lógico a respeito de um léxico específico contribui para avaliar o desenvolvimento de práticas mais sensíveis, e para explicar e realçar o mérito das atitudes de inclusão, com relação a diferenças semânticas presentes entre línguas, culturas e domínios especializados de uma mesma comunidade. São favorecidas a representação, a comunicação e a recuperação do conhecimento, de forma mais consistente, contextualizada e alinhada à diversidade das experiências humanas. Além disso, o reconhecimento da influência dos contextos socioculturais na constituição dos significados permite abordagens mais críticas e inclusivas nos processos de mediação, organização e circulação do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARITÉ, Mario; COLOMBO, Stephanie; BLANCO, Amanda Duarte; SIMÓN, Lucía; CASTROMÁN, Gabriela Cabrera; ODELLA, María Luisa; VERGARA, Mario. **Diccionario de Organización del Conocimiento:** Clasificación, Indización, Terminología. 6. ed. Montevideo: CSIC, 2015. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.12008/9028. Acesso em: 5 maio 2026.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 81–118, 1998. Disponível em: https://revistas.usp.br/flp/pt_BR/article/view/59660. Acesso em: 5 maio 2026.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo, **Anais** [...]. São Paulo: ANCIB, 2008. p. 1-14. Disponível em: https://skat.ihmc.us/rid=1KR7TM7S9-S3HDKP-5STP/BRASCHER%20CAF%C3%89(2008)-1835.pdf. Acesso em: 5 maio 2026.

CABRÉ, Maria Teresa. **Terminology:** theory, methods, and applications. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1998.

CAFÉ, Lígia Maria Arruda; BRÄSCHER, Marisa. Organização do conhecimento: teorias semânticas como base para estudo e representação de conceitos. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. 2, p. 25–51, 2011. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/12894. Acesso em: 5 maio 2026.

CAFUNÉ. *In*: **Michaelis**. São Paulo: Melhoramentos, 2026. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cafun%C3%A9/. Acesso em: 19 jun. 2026.

CARLAN, Eliana. **Sistemas de Organização do Conhecimento:** uma reflexão no contexto da Ciência da Informação. 195 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: http://repositorio.unb.br/handle/10482/7465. Acesso em: 5 maio 2026.

DAHLBERG, Ingetraut. A Referent-Oriented, Analytical Concept Theory for INTERCONCEPT. **International Classification**, [s*. l.*], v. 5, n. 3, p. 142-151, 1978. Disponível em: https://www.imrpress.com/journal/KO/5/3/10.5771/0943-7444-1978-3-142. Acesso em: 5 maio 2026.

FRANCELIN, Marivalde Moacir; PINHO, Fabio Assis. **Conceitos na Organização do Conhecimento**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. A linguagem de especialidade e o texto técnico-científico: notas conceituais. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 241–251, set./dez. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862004000300004. Acesso em:

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Linguagem documentária e terminologia. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 231-240, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tinf/a/f6BDPM7bxnQhvX78jDcGpdP/?lang=pt. Acesso em: 10 jun. 2026.

MIND-BOGGLING. *In*: CAMBRIDGE Dictionary. Cambridge: Cambridge University Press & Assessment, 2026a. Disponível em: site do Cambridge Dictionary. Acesso em: 19 jun. 2026.

MIND-BOGGLING. *In*: MERRIAM-Webster.com Dictionary. Springfield: Merriam-Webster, 2026b. Disponível em: https://www.merriam-webster.com/dictionary/mind-boggling. Acesso em: 19 jun. 2026.

OLSON, Hope A. **The power to name:** locating the limits of subject representation in libraries. Canadá: Springer-Science+Business Media, 2002.

RPC. **Aprenda gírias e expressões paranaenses e seus significados**. [*S. l.*]: Rede Globo, 21 set. 2023. Atualizado em: 15 jan. 2025. Disponível em: https://redeglobo.globo.com/rpc/noticia/aprenda-girias-e-palavras-paranaenses-e-seus-significados.ghtml. Acesso em: 19 jun. 2026.

SANTAELLA, Lucia. O Papel da Mudança de Hábito no Pragmatismo Evolucionista de Peirce. **Cognitio**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 75-83, jan./jun. 2004. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/cognitiofilosofia/article/view/13210/0. Acesso em: 19 jun. 2026.

SAPIR, Edward. **Selected writings of Edward Sapir in language, culture and personality**. Editado por David G. Mandelbaum. Berkeley: University of California Press, 1963. Disponível em: https://archive.org/details/selectedwritings00sapi/page/n6/mode/1up. Acesso em: 19 jun. 2026.

SAUDADE. *In:* MICHAELIS. São Paulo: Melhoramentos, 2026. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/saudade/. Acesso em: 19 jun. 2026.

SCHIESSL, Marcelo; SHINTAKU, Milton. Sistemas de Organização do Conhecimento. *In:* ALVARES, Lilian; LIMA, José Leonardo Oliveira. (org.) **Organização e da informação e do conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012. p. 49-118.